

O círculo de Bakhtin e sua contribuição ao estudo das práticas discursivas

Maria Bernadete Fernandes de Oliveira(UFRN)¹

Resumo

Este texto discute o conceito de práticas discursivas em sua formulação pelo Círculo de Bakhtin. Explora as condições de emergência das práticas discursivas e sua relação com o mundo da vida, o sujeito e a alteridade.

Palavras-chave: Linguagem. Sujeito. Alteridade

Abstract

This paper deals on a discussion on the concept of discursive practices how it may be read in the context of Bakhtin's Circle and how it emerges and how it becomes related to the so-called "world of life", to the subject and alterity.

Key-words : Language, Subject and Alterity

Introdução

A linguagem, vista como uma prática discursiva, torna-se hoje cada vez mais objeto de estudo nas pesquisas realizadas em espaços institucionais. Esses estudos partem da idéia central de que a linguagem é um modo de ação e de refração da realidade e remetem para a necessidade de se considerar, em seus processos investigativos, a noção de sujeito, de história, de acontecimento, de relações de poder. Entre as concepções convocadas para subsidiar esses estudos, situa-se a formulada pelo que se convencionou chamar de "Círculo de Bakhtin"² (FARACO, 1988).

A chegada das propostas dos autores do Círculo no Brasil já é por demais conhecida e, entre as áreas de investigação que nelas se ancoram, sobressaem as que se realizam na interface entre Linguagem e Educação³. É certo que, para isso, muito contribuiu o fato de algumas das idéias de seus membros, mais notadamente as noções de Gêneros Discursivos e de Dialogismo, ainda que nem sempre fiéis em relação ao pensamento dos seus proponentes, terem ancorado as propostas curriculares para o ensino de línguas constantes nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nos documentos similares.

O dado objetivo é que a recepção da produção do Círculo no Brasil tem atraído a atenção de estudiosos os mais diversos, com intenções também as mais diversas. Há tanto aqueles que fazem uso de algumas das noções visando ampliar horizontes contextuais de seus próprios estudos, quanto os que mencionam os trabalhos do Círculo atestando, explicita ou implicitamente, que estes se reduzem a uma mera formulação de princípios, portanto sem nada a acrescentar aos estudos da área da linguagem. Há também aqueles, entre os quais me incluo, que pretendem buscar naqueles autores orientações para a realização de pesquisas no campo das práticas discursivas institucionalizadas, por entender que as reflexões do Círculo comungam com princípios e idéias travadas hoje no campo da construção do conhecimento nas Ciências Humanas (OLIVEIRA, 2002). Ou seja, isso significa dizer que os estudos sobre a linguagem, ancorados em propostas formuladas pelo Círculo, começam a apresentar-se, em nossa realidade acadêmica, como um embrião bastante produtivo e capaz de constituir uma massa crítica de interlocutores sobre o pensamento de Bakhtin e daqueles que compõem o seu círculo

Nesse trabalho objetivamos discutir a contribuição dos autores do Círculo com relação ao estudo de práticas discursivas, revisitando, para tanto, as relações basilares entre linguagem, sujeito, realidade e alteridade⁴.

Práticas discursivas, mundo da vida, sujeito e alteridade

No campo dos estudos da linguagem, o uso do termo “prática discursiva” ocorre, fundamentalmente, a partir da apropriação que a Escola Francesa de Análise do Discurso faz desse conceito, conforme formulado por M. Foucault (2000). Trata-se de um substituto da noção de “episteme”, o conhecimento científico tido como verdadeiro, construído no bojo de uma investigação sobre os saberes da cultura ocidental e entendido como um conjunto de regras anônimas e históricas que definem as condições de exercício da função enunciativa. É um conceito que possibilita o estudo do “saber científico” como um conjunto de práticas discursivas e não-discursivas, reguladas por uma ordem do discurso que, por sua vez, determina aquilo que pode e o que não pode ser dito.

Assim pensado, o conceito circula no âmbito dos estudos da linguagem, sendo utilizado no estudo de outras práticas discursivas, que não apenas aquelas produzidas no campo da ciência e, nesse processo, é ressignificado por outros posicionamentos teóricos que ampliam o uso desse termo. Uma dessas ressignificações considera prática discursiva como qualquer atividade discursiva, entendida esta última como um acontecimento de caráter social e histórico, que, tomada como objeto de estudo, possibilita compreender como o discurso constitui e representa a vida social, em todas as suas esferas (MOITA LOPES, 2003).

Concretamente, diríamos que hoje a noção de prática discursiva pode referir-se a qualquer atividade discursiva que, independentemente da vertente teórica, implique uma imprescindível relação com a realidade concreta na qual essas práticas emergem. No caso da produção dos autores do Círculo, ainda que esse termo não apareça explicitamente, podemos assegurar que as relações acima mencionadas se fazem presentes.

Postas essas questões preliminares, vamos tentar apresentar inicialmente como o conceito de linguagem como prática é construído na formulação do Círculo, explorando, primeiramente, a relação entre linguagem, realidade e sujeito. Para tanto, começaremos visitando o texto *Para uma Teoria do Ato* (BAKHTIN, 1997/1919), no qual esse entendimento começa a ser esboçado, a partir de uma reflexão que seu autor realiza sobre o mundo da cultura de seu tempo - mundo no qual conhecimentos e artes são produzidos -, mais especificamente o século XIX e o início do século XX.

Nesse percurso reflexivo, Bakhtin aponta problemas cruciais nas teorias por ele visitadas, entre os quais dois deles merecem destaque especial: o primeiro, derivando do fato de que essas teorias apresentam interpretações universalizantes sobre o mundo concreto que visam representar; e, o segundo, decorrente da compreensão da ética como um dever ser abstrato, valorado igualmente e obrigatoriamente para todos, em todos os momentos.

Esses posicionamentos deixam de lado a singularidade do mundo da vida e a historicidade dos fatos; por conseguinte, constroem um modelo de realidade, cuja natureza abstrata deixa de fornecer critérios para a compreensão e para a interpretação do mundo da vida, o mundo no qual os seres humanos vivem, criam, conhecem, contemplam e morrem. Diz Bakhtin (1997:16), “Es imposible cualquier orientación práctica de mi vida en el mundo teórico, en el cual no se puede vivir, ni actuar responsablemente”⁵.

O mundo da vida, qualificado como aquele no qual habita o ser humano concreto, em sua singularidade, é o mundo no qual se encontram sujeitos que, ao agir posicionadamente, transformam os valores, construídos socialmente na história dos seres humanos, a partir das múltiplas esferas da criação ideológica - da ciência, da religião, do senso comum, da arte, da escola e da mídia (hoje, fundamentalmente), entre outras -, em um dever ser para si, orientador do seu agir. O mundo da vida é um mundo de “nombres propios, de estos objetos y de las determinadas fechas cronológicas de una vida” (BAKHTIN, 1997: 60)⁶, assim sendo, defende aquele autor que as teorias que pretendem descrever, explicar e traçar orientações para esse mundo deveriam tomar como ponto de partida os atos concretos nele realizados, pelos sujeitos éticos, em sua existência concreta e singular, inseparáveis dos atos que executam.

Dessa forma é que, de um lado, a relação entre realidade – mundo da vida e mundo da cultura – e a constituição do sujeito, relação seminal ao estudo das práticas discursivas, apresenta-se com uma natureza constitutiva e não acessória. Ou seja, aponta para o fato de que o mundo da cultura, que pretende representar e refratar o mundo da vida, deveria tomar como ponto de partida o ato ético realizado pelos sujeitos concretos, em suas relações sociais intersubjetivas. De outro, estabelece-se uma relação intrínseca entre o ato e

o sujeito que realiza esse ato, de forma que é através desse ato que o sujeito se reconhece e é reconhecido. Ou seja, encontramos aí a idéia de que o ser humano é um ser de ação, uma ação sempre valorada, e de que essa ação, ao mesmo tempo em que o constitui, possibilita seu reconhecimento como sujeito.

Ora, se o ser humano é um ser que age orientado por uma motivação, caracterizando a idéia de prática como ação orientada, e se é por essa ação que o sujeito se constitui e é reconhecido, perguntamos: Qual a natureza dessa prática? Como ter acesso a esse ato e a esse sujeito que realiza esse ato? A resposta dele é “pela linguagem”. É a linguagem que enuncia esse ato e para tanto a requer em sua inteireza, em seus aspectos conceitual, material e valorativo. A relação da palavra/signo com seu referente, objeto, não é apenas de denominação ou de uma expressão externa, uma roupagem que se atribui ao objeto. Ao contrário, “[...] la palabra no solo designa el objeto como una cierta presencia, sino que también la marca mediante una entonación... em cuanto mi actitude valorativa hacia el objeto [...]” (BAKHTIN, 1997:40)⁷.

Em resumo, ao dizer que a linguagem é responsável pela enunciação dos atos éticos e que esses atos éticos se realizam no mundo da vida, ou seja, propondo assim uma semiotização do ato ético, Bakhtin nos introduz a idéia de que a linguagem tem suas raízes no mundo da vida e, ainda mais, de que a natureza da prática realizada pelos seres humanos é discursiva, ou seja, está assentada na natureza semiótica do ser humano e na semiotização da vida.

Começa, portanto, a configurar-se o entendimento de uma concepção de linguagem como ação orientada - uma prática- e de um sujeito, cujos atos podem ser acessados por essa mesma linguagem. Essas colocações sobre a linguagem em sua relação constitutiva com a realidade concreta, com o mundo da vida, e em sua relação com as esferas ideológicas vão ser exploradas por Voloshinov (1969/1929) e por Medvedev (1978/1928).

No texto publicado em 1928, Medvedev expõe a idéia de que cada esfera da criação ideológica, ciência, religião, arte, entre outras, possui suas formas e artifícios próprios de uso da linguagem, ou seja, seus modos específicos de refratar a realidade semioticamente. Afirma ainda que os produtos da criação ideológica, obras de arte, trabalhos científicos,

símbolos religiosos e ritos, são coisas materiais, fazem parte da realidade concreta que existe em torno do ser humano, possuem uma natureza semiótica e emergem nas relações sociais intersubjetivas, que lhes aportam sentido e valor.

Voloshinov (1969/1929), por sua vez, retoma o princípio da relação constitutiva entre linguagem e realidade, reafirmando a idéia, presente em todos os textos dos autores do Círculo, de que toda palavra carrega posição avaliativa sobre seu tema, trazendo para essa relação a dinâmica da constituição de um todo que não é mecânico, conforme explicitado em *Arte e Responsabilidade* (BAKHTIN, 2003/1919). Ou seja, um todo no qual seus elementos constituintes estão relacionados no espaço e no tempo em uma unidade de sentido e não através de conexões externas. Cabe ainda a Voloshinov(1969/1929) desenvolver a idéia da natureza semiótica dos produtos de criação humana no plano das esferas da criação ideológica, discorrendo sobre os signos, em particular o signo verbal, e seu papel fundamental na vida humana e na constituição do sujeito, além de retomar a ideia de que os valores socialmente construídos pelos seres humanos, através do tempo, se refratam no discurso.

Contudo, é em *O Discurso no Romancé* (BAKHTIN, 1990/1934) que vamos encontrar desenvolvida a concepção dialógica da linguagem, marca então indelével dos autores do Círculo, mais particularmente de Bakhtin. Tal proposta implica que se leve em consideração um modo intrinsecamente dialógico de funcionamento do discurso, transitando entre os já-ditos e os ainda não-ditos, sempre em relações dialógicas, em luta constante com as forças centrípetas e centrífugas, manifestando-se em uma visão galileana de mundo, e configurando-se como uma heteroglossia dialogizada e axiologizada (FARACO, 2009). Posteriormente, em *Os gêneros do discurso* Bakhtin (2003/1952) trata, de uma forma bastante didatizada, porém sem dispensar a complexidade exigida pelo tema, da unidade de análise da linguagem verbal, dialogicamente pensada, o enunciado, ou seja, a materialização semiótica dos atos éticos. No dizer de Medvedev (1978/1928), um ato social cuja natureza sempre responsiva o qualifica como sendo um elo na cadeia da comunicação discursiva.

Ou seja, nossa leitura dos textos até então citados permite-nos interpretar que a concepção de linguagem dos autores do Círculo implica a ideia de uma ação orientada sempre axiológizada, emergindo entre seres humanos que percebem, compreendem e avaliam os acontecimentos à sua volta. Para Bakhtin (1997/1919), a descrição desses eventos, materializados nos atos éticos, nada mais é do que a descrição do mundo da vida, um mundo que se apresenta para o ser sempre já interpretado e não simplesmente dado.

Configura-se, assim, a nosso ver, nos autores do Círculo, uma noção de linguagem como uma prática social e intersubjetiva, que permite adentrar no domínio do discursivo. O domínio que pressupõe a existência de vozes, sempre em relações dialógicas, de valores, de experiência vivenciada por sujeitos, de “acontecimentos” situados no grande/pequeno tempo, sem limites para o contexto dialógico. Ou seja, é um campo onde não há nem a primeira nem a última palavra, onde “[...]os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis, pois [...] eles sempre irão mudar no processo do desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo [...], onde [...] cada sentido terá sua festa de renovação...” (BAKHTIN, 2003:410).

O outro princípio, necessário à noção de prática discursiva, qual seja a ideia de que a alteridade é constitutiva do “eu”, também compõe a noção de linguagem e de ser humano para aqueles autores. Em geral, quando falamos de alteridade, estamos nos referindo ao fato de que, ao lado do “eu”, existe sempre um outro, “não-eu”, de forma que a relação com a alteridade se configura sempre pela diferença. No âmbito do pensamento dos autores do Círculo, a alteridade é pensada no bojo de uma relação constitutiva do sujeito na e pela linguagem, grosso modo, significando que temos de passar pela consciência do outro para nos constituir. Ponzio (1997) considera que a relação entre o eu e outro assume um lugar de destaque nos estudos do Círculo de tal forma que, na perspectiva deles, a categoria da identidade cede seu lugar à de alteridade.

Vejam agora como essa problemática se materializa, voltando a *Para uma teoria do ato*. Nesse texto, Bakhtin afirma que o mundo da vida conhece “[...] dos mundos axiológicos por principio diferentes, pero relacionados entre si: El yo y el outro...” (BAKHTIN, 1997:79)⁸. Contudo, essa relação entre esse “eu” e esse “outro” não é qualquer uma. É sim

uma relação que organiza todos os momentos da vida dos seres humanos, uma relação axiológica, que leva a uma relação ética entre os interlocutores participantes no mundo da vida.

Encontramos aí uma das primeiras colocações sobre a questão da alteridade e de sua importância para a constituição dos indivíduos, que vai ser retomada em *Autor e Herói*, quando Bakhtin (2003/1923) explora a compreensão do papel do outro na constituição do “eu”, na esfera da criação artística. Para tanto, Bakhtin faz uso do “excedente de visão”, próprio do autor, devido à posição exotópica que esse ocupa no conjunto da obra literária e imprescindível ao exercício da atividade estética, isto é, o dar acabamento ao herói e à obra como um todo. Com isso, enuncia que o acabamento do “eu” vem de fora, a idéia de que é o outro que o completa, pois só a posição exotópica que o autor ocupa é que lhe possibilita ver o todo do herói, consequentemente aquilo que este, o herói, não consegue ver em si mesmo. Ou seja, é o outro que completa, emoldura seu herói, inserindo-o em um contexto, a partir de um posicionamento externo, distanciado e valorado.

Assim é no mundo da cultura. Mas, no mundo da vida, como se dá a constituição do “eu” pelo outro? Bakhtin defende a idéia de que a relação com a alteridade é de natureza constitutiva não apenas na arte, mas também na vida, embora, nesse mundo, o “acabamento” do “eu”, a partir da visão do outro, funcione de forma diferenciada. Primeiro, porque, na vida, não temos um autor-criador, temos vários “outros” com os quais nos confrontamos, continuamente, nos vários espaços públicos e privados, em tempos vários. Segundo, porque, o “acabamento” dado pelo outro não é do todo do ser humano, e sim de manifestações singulares, particulares, diz respeito apenas a “[...]alguns de seus atos [...]”, pois que, para viver “[...]preciso ser inacabado, aberto [...]” (BAKHTIN, 2003:11).

Essa concepção de alteridade constitutiva do sujeito encontra eco em vários textos, como em *Reformulação sobre o livro de Dostoiévsky* (2003/1961). Nessa obra, Bakhtin afirma que “...Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro...”. O próprio do ser humano, diz ele, [...] “é convívio mais profundo [...] Ser significa ser para o outro e, através dele, para si,” (BAKHTIN, 2003:341). E no, provavelmente último de seus textos *A apontamentos*

(2003/1971), ele reitera essa idéias ao dizer “[...] tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior.[...]. [...]A princípio eu tomo consciência de mim através dos outros...”(BAKHTIN, 2003:373) .

Assim pensada, a alteridade como inerente à constituição do “eu” possibilita, a nosso ver, duas formas de estudar essa relação que, embora diferenciadas quanto ao foco do problema a ser estudado, são complementares e interdependentes. Uma dessas formas, diríamos, tem sido bastante explorada, no âmbito da academia, em teses e artigos ⁹ e diz respeito ao estudo dos processos sobre a apropriação e a transmissão da palavra do outro, a partir do entendimento de que, sendo o ser humano um ser de linguagem, essa sua construção processa-se sempre mediada semioticamente. A outra possibilidade, a nosso ver, um pouco menos explorada até então, diz respeito ao “movimento do eu” em direção à singularidade do outro que lhe é diferente, desigual, estranho, enfim, das múltiplas maneiras de como o “eu” percebe e endereça-se ao outro, sua cultura, sua visão de mundo, (OLIVEIRA, 2008).

No primeiro caso, os processos de apropriação e de transmissão da palavra alheia pelo outro, constituem temática desenvolvida inicialmente por Voloshinov(1969/1929) e por Bakhtin (1981/1929). Voloshinov discorre sobre as formas de transmissão e de assimilação do discurso alheio, no bojo de uma discussão na qual questiona como a sintaxe é compreendida pelos estudos linguísticos de sua época. Afirma que as formas de apropriação e de transmissão do discurso alheio podem ser agrupadas em duas formas estilísticas, por ele denominadas de estilo linear e de estilo pictórico. Em linhas gerais, entende por estilo linear aquele cuja tendência principal é preservar o discurso do outro, mantendo ao máximo sua integridade e autenticidade. Por estilo pictórico, entende aquele no qual as fronteiras entre os discursos do “eu” e do outro tendem a se apagar, atenuando-se os contornos que separam os dois tipos de discurso, podendo o autor, nesse caso, deliberadamente ou não, no seu dizer, tingir o discurso do outro com suas palavras, seu senso de humor, enfim com suas apreciações valorativas. Um dos tipos do discurso citado que caracteriza o fenômeno da bivocalidade encontra suas manifestações estilísticas mais expressivas nos fenômenos

conhecidos como estilização, paródia e skaz, estudados por Bakhtin (1981/1929), a propósito do discurso na obra de Dostoiévsky.

Contudo, parece-nos, é Bakhtin, mais uma vez, quem vai ampliar o escopo dessa temática, considerada extremamente relevante no âmbito dos estudos de uma “metalinguística”, ou, para usar uma terminologia de hoje, nos marcos dos estudos das práticas discursivas institucionalizadas. Dessa forma, em *O Discurso no Romance* (BAKHTIN, 1934/1990), exemplifica, no item III desse texto, as possíveis formas de como o discurso do outro entra no discurso do “eu”, a partir de exemplos retirados das práticas discursivas literárias, no caso, do romance humorístico e, no item IV, amplia o alcance dessa temática para outras práticas discursivas, o que exploraremos rapidamente a seguir.

Referindo-se a uma das modalidades que a escola¹⁰ utiliza para a apropriação e transmissão do discurso alheio, qual seja expressar-se “com suas próprias palavras”, Bakhtin (1990:42) afirma que, no mundo da vida, essa atividade assume um sentido “[...] mais profundo e mais importante no processo de formação ideológica do homem, no sentido exato do termo [...]” (1990:142), podendo a palavra surgir ou como palavra de autoridade ou como palavra interiormente persuasiva. Retoma ao que Voloshinov tratou como estilos linear e pictórico, explorando o tema agora do ângulo não mais da construção estilística em si, mas com relação à natureza das palavras, discurso alheio, a serem apropriadas e suas possibilidades de transmissão.

A palavra de autoridade, diz ele, além daquelas características já apontadas por Voloshinov, ou seja, de exigir o reconhecimento e a assimilação de uma forma incondicional, dificultando seu processo de transformação, pode, em alguns casos, até favorecer palavras em torno de si, isto é, propiciar interpretações que venham, por exemplo, exaltá-la. Mas em nenhum momento essa palavra confunde-se com suas possíveis interpretações, “[...] poder-se-ia dizer que ela exige não apenas aspas, mas um destaque mais monumental, por exemplo, uma escrita especial [...]” (BAKHTIN, 1990:143).

Essa natureza da palavra de autoridade é retomada em *Os gêneros do discurso*, quando ele se refere ao fato de que “[...] em cada época, em cada círculo social [...] sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom [...] sempre existem essas ou aquelas

idéias determinantes dos ‘senhores do pensamento’ de uma época[...]”. E, mais tarde, em *Apostamentos*, quando ele diz que a palavra de autoridade, ao comportar-se como uma palavra sagrada, exigindo uma repetição reverente, é uma palavra que “[...]inibe e bloqueia o pensamento [...]”(BAKHTIN, 2003:368). Ou seja, para Bakhtin, as práticas discursivas nas quais a palavra de autoridade assume papel determinante ou mesmo hegemônico manifestam discursos que dificultam ou impedem mesmo o posicionamento de outras vozes, devido ao exercício, sobre elas, das relações de poder ¹¹

Mas é preciso também atentar para o fato de que essa palavra, embora possa ser levada às raias do autoritarismo, também cria espaço para sua contestação, tornando-se “... *objeto de profanação...*”(Bakhtin, 1990:143), isto é, possibilitando críticas e resistências. O exemplo clássico de destronamento da palavra alheia em várias esferas de criação ideológica, Bakhtin vai encontrar na leitura e ensaio que escreveu sobre Rabelais (1965/1946).

A palavra persuasiva, por sua vez, diferentemente da palavra de autoridade, ao ser assimilada pelo “eu” em seu discurso, com ele entrelaça-se de tal forma que, na consciência do eu, diz Bakhtin, a palavra persuasiva é metade dele, metade do outro. Sendo de natureza aberta, inacabada, entra em relações de tensão com as outras palavras persuasivas que a cercam, materializando diferentes pontos de vista. Face à sua natureza inacabada, possibilita sua ressignificação e reavaliação em novos contextos dialógicos. É uma palavra que, diferentemente da palavra de autoridade tendente a manifestar uma única consciência, uma única voz, possibilita a emergência de mais de uma voz. Na verdade, com relação ao processo de apropriação e transmissão da palavra persuasiva, o que acontece é que “[...] diversas vozes alheias lutam pela sua influência sobre a consciência do indivíduo [...]”(BAKHTIN, 1990: 148), de forma que, na composição do enunciado, existe sempre a palavra alheia, em “[...] uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem[...]”(BAKHTIN, 1990:153).

Dito de outra maneira, é preciso ter claro que, mesmo a palavra persuasiva, ainda que possibilite sua apropriação de uma forma mais flexível, isso não significa que esse processo esteja isento de tensões, de contradições entre os discursos apropriados e aquele

que deles se apropria. Na verdade, não se trata de entender a palavra persuasiva como o contraponto da palavra de autoridade, ou seja, aquela que seria apreendida sempre em uma relação de concordância. Muito pelo contrário, ela é fonte da “bivocalidade”, que tem, na ironia e na paródia, espaço privilegiado para realização.

Em resumo, consideramos que os textos do Círculo se constituem em referenciais teóricos orientadores dos estudos da palavra alheia e de seus processos de transmissão e de assimilação pelo discurso do “eu”, trazendo contribuições relevantes aos estudos das práticas discursivas. Além do que, na perspectiva desses autores, rompe-se com uma visão de que o sujeito está sempre assujeitado ao outro, que o constitui discursivamente. Percebe-se, portanto, a complexidade que atravessa o estudo do discurso citado para esses autores na medida em que a entrada da palavra alheia no discurso do “eu” não se faz de uma forma ingênua, nem se limita a uma mera transposição de estruturas ou mesmo ao seu reconhecimento e identificação. Nesse sentido, lembra Voloshinov (1969/1929) que o processo de apreensão do discurso alheio encontra no “eu” não um ser mudo, mas um ser já preenchido com palavras e as palavras alheias vão penetrar nesse mundo, a partir de um processo ativo do eu, no seu dizer “a orientação ativa do falante(escrevente)”, orientação que não é um passe de mágica, mas resultante de ações (atos éticos) de apreensão, compreensão e apreciação. Ou seja, o enunciado alheio, sempre já valorado, é apreendido por um “eu”, que o compreende e o interpreta a partir de um contexto valorativo próprio. Essa idéia vai ser retomada por Bakhtin (1990:141), quando refere-se ao fato de que “[...] a palavra alheia introduzida no contexto do discurso estabelece com o discurso que a enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química [...]”, portanto, “[...] ao se estudar as diversas formas de transmissão do discurso de outrem, não se pode separar os procedimentos de elaboração deste discurso dos procedimentos de seu enquadramento contextual [...]” (p.141). Isso porque, recorrendo a determinados procedimentos de enquadramento, “[...] pode-se conseguir transformações notáveis de um enunciado alheio, citado de maneira exata [...]”. Dessa forma, separar, no processo investigativo, essas duas faces do processo e sua interação dinâmica é um equívoco.

A nosso ver, essas colocações últimas são extremamente relevantes ao estudo de como a palavra alheia é apropriada e transmitida nas práticas discursivas, principalmente, quando se pensa naquelas práticas realizadas em esferas prevalentes hoje na sociedade do espetáculo, através da mídia, ou na sociedade dita do conhecimento, pela ciência, que em função da estratégia de enquadramento favorecem a distorção e a manipulação do discurso alheio.

Ao lado dessa vertente de estudo em relação à alteridade, gostaríamos também de explorar essa problemática na direção das pesquisas que se realizam no esteio dos estudos culturais, na perspectiva de Raymond Williams, de Stuart Hall, de Nestor Canclini, entre outros, que interrogam e buscam compreender como o outro é reconhecido na contemporaneidade, que tipo de relação dialógica o “eu” trava com esse outro e como essa relação materializa-se nas práticas discursivas (OLIVEIRA, 2008).

No que se refere a essa outra relação com a alteridade, ou seja, como o “eu” apercebe-se, compreende e aprecia o outro, Ponzio (1997) afirma que, a iniciativa do processo cabe ao “eu” e que, no pensamento bakhtiniano, essas atitudes caminham sempre na direção do respeito e da tolerância¹². Um dos exemplos clássicos desse tipo de relação, Bakhtin (1981/1929) teria encontrado ao analisar a poética de Dostoievsky, constatando que nela, o herói é sujeito e não submisso ao autor-criador, constatando que, aquela prática discursiva prosaica retrata um mundo no qual existem sujeitos, investidos de plenos direitos de manifestar seus pontos de vista, em uma relação entre iguais. A essa prática discursiva, inscrita na esfera da criação artística, Bakhtin atribuiu uma natureza dialógica polifônica, pelo fato de que as relações entre o “eu” e o outro são relações que garantem o espaço de dizer e de ser ouvido. Transpondo essas relações para o mundo da vida, diríamos que o olhar que Bakhtin recomenda ser dirigido ao outro é sempre de aceitação. Isso reflete-se, em alguns de seus dizeres, como por exemplo, ao tratar da necessidade de compreender a cultura alheia, sua subjetividade, seus sentidos, seus valores, Bakhtin esclarece que essas compreensões “[...] ampliam infinitamente o “pequeno mundinho” de minhas palavras [...]” (BAKHTIN, 2003:379), embora também deixe bem claro que, “[...] não se deve entender a compreensão em termos de identificação e de colocação de si mesmo no lugar ocupado pelo outro [...]”

(BAKHTIN, 2003 : 382). Ou seja, compreender não significa subserviência, nem perder seu próprio lugar.

Mas, a atitude do “eu” para com o outro nas práticas discursivas concretas pode expressar outras formas de relações dialógicas, além daquelas presentes na obra de Dostoievsky, materializando-se em relações do tipo monológicas, quando o outro é reificado (BAKHTIN, 2003).

Em síntese, o que queremos enfatizar é que orientações presentes na produção dos autores do Círculo, mais especificamente nos textos de Bakhtin, possibilitam o estudo da relação com a alteridade também desse outro polo, buscando compreender o outro considerado diferente, desigual, ou mesmo semelhante ao “eu”, no que tange aos seus posicionamentos, suas culturas, suas visões de mundo. Também, devemos ter clareza de que esse estudo não dispensa o reconhecimento de que a construção da imagem do outro pelo “eu”, materializa-se em práticas discursivas, semiotização, repetimos, dos atos éticos e de suas relações dialógicas. Nesse sentido, importa levar em conta que o “eu” que se movimenta em direção ao outro é ele próprio constituído como sujeito a partir das relações que trava com palavras de autoridade ou persuasivas, as quais, sem dúvidas darão o tom, na apreciação do outro.¹³

Algumas considerações

Nosso objetivo inicial era o de apresentar em que medida os ensinamentos dos autores do Círculo de Bakhtin conteriam subsídios para contribuir com o estudo das práticas discursivas nos dias de hoje. Para tanto, discorreremos inicialmente sobre aquilo que entendemos caracterizar-se como práticas discursivas nos textos dos autores do Círculo, transitando pela qualificação dos elementos constitutivos dessas práticas, quais sejam o lugar de onde emergem, sua relação com a linguagem, com a constituição do sujeito e com a alteridade. Nesse percurso, identificamos duas possibilidades de exploração da relação com a alteridade, embora não excludentes. Tecemos considerações sobre a relação com a alteridade,

apontando para as diferenças de formulação entre Voloshinov e Bakhtin. Reconhecemos posicionamentos um tanto categóricos no primeiro e de uma natureza mais plural no segundo, apontando, contudo, para a similaridade entre ambos, no sentido de que partilham a idéia de não se poder tratar a problemática da apropriação e da transmissão do discurso do outro, nem o movimento do “eu” em direção ao outro, sem levar em conta as relações de poder. E, nesse sentido, reconhecer que, para além do processo de apropriação ou de transmissão da palavra alheia, é fundamental considerar o processo de enquadramento contextual nas análises que vierem a ser realizadas.

Para finalizar, diríamos que, a nosso ver, ainda que muitos trabalhos tenham se realizado a partir de orientações dos autores do Círculo, parece-nos que ainda há muito a ser explorado de suas orientações para os estudos das práticas discursivas.

Referências Bibliográficas

- AMORIM, M. *O Pesquisador e seu Outro Bakhtin nas Ciências Humanas*. São Paulo. Musa Editora 2001.
- BAJTIM, M. M. *Hacia una filosofía del acto éticos borradores y otros escritos*. Barcelona. Anthropos Editorial. 1977. Orig. 1919
- _____. Arte e Responsabilidade. In *Estética da Criação Verbal*. São. Paulo. Martins Fontes. 2003. Orig. 1919.
- _____. Autor e Herói. . In *Estética da Criação Verbal*. São. Paulo. Martins Fontes. 2003. Orig. 1921.
- _____. Reformulação do livro sobre Dostoievsky. In *Estética da Criação Verbal*. São. Paulo. Martins Fontes. 2003. Orig. 1961.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo. Martins Fontes. 2003..
- _____. O discurso no romance. In *Questões de Estética e de Literatura*. São Paulo. Martins Fontes. 1990 .Orig. 1934.
- _____. *Problems da Poética de Dostoievsky*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981

_____. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo. Hucitec. 1965 .Orig.1946

_____. Apontamentos. . In *Estética da Criação Verbal*. São.Paulo. Martins Fontes. 2003. Orig. 1971

BRAIT, B. Sujeito e Linguagem: a constitutiva alteridade. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 35. 1998 .

_____.Alteridade, dialogismo, heterogeneidade:nem sempre o outro é o mesmo. In B.Brait (org) *Estudos enunciativos no Brasil: história e perspectivas*. Campinas: Pontes, 2001

CASTRO, G. Formas sintáticas de enunciação: o problema do discurso citado no Círculo de Bakhtin. In B.Brait (org). *Bakhtin e o Círculo*São Paulo.Editora Contexto.2009

CUNHA, D.A.C. *Discours rapporté et circulation de la parole* Leuven/Louvain-la Neuve: PEETERS/ Publications Linguistiques de Louvain, 1992.

_____.Do discurso citado à circulação dos discursos: a reformulação bakhtiniana de uma noção gramatical. *Matraga* . v. 22, Rio de Janeiro. 2008.

FARACO. C.A. *Linguagem e Diálogo as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo. Parábola. 2009.

_____. O estatuto da análise e interpretação dos textos no quadro do Círculo de Bakhtin. In: Ana Maria de Mattos Guimarães; Anna Rachel Machado; Antónia Coutinho. (Org.). *O interacionismo sociodiscursivo questões epistemológicas e metodológicas*. 1 ed. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2007.

_____.Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: Beth Brait. (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas* 1 ed. Campinas (SP) - São Paulo: Pontes - FAPESP, 2001.

FARACO,C.A . e TEZZA, C. *Para uma Filosofia do Atto*Tradução não publicada de Towards a Philosophy of Act. Austin. University of Texas Press. 1993

FOUCAULT, M. *Arqueologia do Saber*.6ª.ed. Rio de Janeiro.Forense Universitária.2000. [1ª.ed.francesa 1969]

GERALDI, J.W. *Portos de Passagem* São Paulo. Martins Fontes. 1991

_____.Alteridades: espaços e tempos de instabilidades. In NEGRI, L.; OLIVEIRA, R.P. (orgs.). *Sentido e Significação* em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

MEDVEDEV, P./BAKHTIN, M. *Formal method literary scholarship* London. John Hopkins University Press. 1978 .Orig.1928.

MOITA LOPES, L.P.da (org) Socioconstrucionismo: discurso e identidade social In. *Discurso de Identidades*. São Paulo.Mercado de Letras. 2003

OLIVEIRA, M.B.F. de Bakhtin e a cultura contemporânea: sinalizações para a pesquisa em Lingüística Aplicada. *Revista da ANPOL*, n.13. 2002.

_____ Estudos Culturais e Dialogismo: contribuições ao estudo da alteridade. In: TRAVAGLIA, L.C. e MAGALHÃES, J.S. (Orgs.). *Múltiplas perspectivas em Lingüística*. Uberlândia, 2008. CD- ROM.

_____ Sala de aula de língua e Práticas cidadãs. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. V. 41. Campinas.2003

_____ Ensino de Língua Materna, enunciado e ato ético. Publicado nas *Atas do XV Congresso Internacional de La ALFAL*. Universidade de La República. Montevideo. 2008.

PONZIO,A. *La rivoluzione bachtiniana: Il pensiero di Bakhtin e l'ideologia contemporanea*. Bari.Levante Editora. 1997

ROJO, R. H. R. . Gêneros de discurso/texto como objeto de ensino de línguas: Um retorno ao trivium?. In: SIGNORINI, I.. (Org.). *[Re]Disputar texto, gênero e discurso* 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008,

_____Gêneros do discurso e gêneros textuais: Questões teóricas e aplicadas. In: Meurer, J. L.; Motta-Roth, D.; Bonini, A.. (Org.). *Gêneros: Teorias, métodos e debates*. 1 ed. São Paulo: Editora Parábola, 2005,

VOLOSHINOV. V/BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem* São Paulo, Hucitec, 1969. Orig.1929.

ZOZZOLI, Rita M.D. Compreensão e produção responsivas ativas: indícios nas produções dos alunos. In: Rita Maria Diniz Zozzoli. (Org.). *Ler e Produzir. Discurso, texto e formação do sujeito leitor/produzidor*. 1 ed. Maceió: EDUFAL, 2002,

_____ Atividades de produção em sala de aula e dificuldades dos alunos na busca de uma autonomia relativa. In: ESPÍNDOLA, Lucienne; SOUZA, Ester. (Org.). *O texto vários olhares, múltiplos sentidos* João Pessoa: , 2007

NOTAS

¹ Professora Doutora Associada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Líder do Grupo de Pesquisas “Práticas Discursivas na Contemporaneidade”. e-mail: mbernadete@ufrnet.br

² No texto citado o Prof.Dr. Carlos Alberto Faraco discorre sobre o “Círculo de Bakhtin”, seus componentes, entre os quais mereceram destaque, além do próprio M.Bakhtin que deu nome ao Círculo, os integrantes P.Medvedev e V. Voloshinov.

³Referenciamos alguns autores e pesquisadores que vem se destacando na exploração da relação Linguagem e Ensino na ótica do Círculo. Faraco (2001, 2007)Geraldí (1991), Oliveira (2003, 2008), Rojo (2005,2008) , Zozzoli (2002,2007).

⁴ Sem desconhecer a polêmica sobre autoria de alguns textos “disputados”, manteremos as autorias como distintas entre Voloshinov, Medvedev e Bakhtin.

⁵ Ao texto citado em espanhol sempre faremos corresponder um texto em língua portuguesa a partir da tradução de Faraco, C.A . e Tezza, C. de “ Para uma Teoria do Ato”, ainda sem publicação. “...Qualquer espécie de orientação prática da minha vida é impossível no interior do mundo teórico: é impossível viver nele, impossível realizar ações responsáveis...” (p. 9) .

⁶ “...Esse é um mundo de nomes próprios, um mundo desses objetos e das datas particulares da vida (P.55)

⁷ “...A palavra não designa meramente um objeto como uma entidade pronta, mas também expressa por sua entonação... minha atitude valorativa em direção do objeto (p.33)

⁸ ...dois centros de valor que são fundamental e essencialmente diferentes, embora correlacionados um com o outro: eu e o outro”(p.76)

⁹ É vasta a produção e publicação nessa temática tanto de autores que trabalham sob orientação do Círculo como aquela produção que se vincula às orientações de Jacqueline Authier-Revuz e de Dominique Maingueneau. No âmbito da vertente bakhtiniana, destacamos alguns como referência Brait (1998, 2001), Cunha (1992,2008), Castro (2009).

¹⁰ Bakhtin(1990) refere-se ao fato de que na escola há duas formas de apropriar-se e transmitir a palavra alheia, “ de cor” ou “ com suas próprias palavras”.

¹¹ Apesar de alguns (muitos?) interpretes de Bakhtin negarem qualquer relação sua com o pensamento marxista, não podemos deixar de ver nesse trecho utilizado em “Gêneros do Discurso” uma apropriação da palavra alheia, no caso de Karl Marx e Friedrich Engels em “ Ideologia Alemã” e, ainda mais em um enquadramento contextual de concordância. Em todo caso, deixemos claro, que isso não significa desconhecer a crítica sempre presente nos textos daquele autor ao funcionamento da dialética e cuja estratégia de chegar a sínteses totalizantes, rompe com a natureza inacabada do sujeito e do diálogo.

¹² Tolerância para Bakhtin é utilizada aqui no sentido de respeitar o outro, conviver com as diferenças de pontos de vista e não com as desigualdades.

¹³ Estudos explorando essa face da relação com a alteridade podem ser lidos em Geraldí(2004) e Amorim(2001)